

# Congresso sem líderes está à deriva

■ O caos político tomou conta do Legislativo, traumatizado pela CPI do Orçamento.

CHRISTIANE SAMARCO E  
ILIMAR FRANCO

BRASÍLIA — O Congresso Nacional, sem rumo desde a CPI do Orçamento, foi a pique na quarta-feira, quando os deputados derrubaram o veto presidencial à MP 409 que limitava os salários do funcionalismo. Os presidentes da Câmara e do Senado e os líderes partidários acabaram atropelados pelo inexpressivo deputado Nilson Gibson (PMN-PE). Foi ele quem comandou nos bastidores a manobra para aumentar o salário dos deputados e senadores, fazendo jus ao título de *presidente do sindicato dos parlamentares*. A decisão, que ainda não foi chancelada pelo Senado, mas já provocou estragos na imagem do Congresso, é um retrato fiel do caos político que tomou conta do Legislativo.

“Perdemos a auto-estima de poder e passamos a agir como sindicato”, avaliou o deputado Paulo Delgado (PT-MG). “Esse Congresso está mais prá Nilson Gibson do que para Nelson Jobim”, resumiu com sarcasmo o sub-relator da revisão constitucional, deputado Gustavo Krause (PFL-PE). Não foi à toa. A confusão que tomou conta do Legislativo é tamanha que, na quinta-feira, os líderes revisionistas tiraram da pauta de votações a emenda que mudava as regras da imunidade parlamentar, temerosos de que uma derrota trouxesse mais desgaste da instituição junto à opinião pública.

Traumatizado pela CPI do Orçamento, que abateu as principais lideranças no trabalho de articula-

ção e aglutinação dos parlamentares, o Legislativo se arrasta desde o fim de 93. “O trauma é tão profundo que o Congresso está desarrumado e incapacitado para articular qualquer proposta. Só conseguimos aprovar o plano econômico porque ele já veio pronto do Executivo”, analisa o senador José Fogaça (PMDB-RS). “Em plena decolagem, a revisão foi atingida pelo Exocet da CPI e não se recuperou mais”, reconhece o senador Marco Maciel (PFL-PE).

Dividido entre contras e revisionistas, o Congresso enfrenta as dificuldades impostas pela CPI. O líder

do PFL na Câmara, Luís Eduardo (BA), perdeu a parceria de Generaldo Correia (PMDB-BA) e Ibsen Pinheiro (PMDB-RS), imprescindível à articulação da centro-esquerda para garantir maioria junto aos pefelistas. “O que está aí é resultado da falta de um projeto coletivo, impossível de ser construído quando não se tem articulação”, raciocina o deputado Sérgio Machado (PSDB-CE), para quem o poder político do Congresso está pulverizado.

O deputado Miro Teixeira (PDT-RJ) acredita que a fragmentação política foi agravada pela re-

visão: “As lideranças que comandavam a Casa ficaram em campos opostos. Acabou o entendimento”. E pulverização é sintoma de fragilidade. “Como a instituição não se impõe, qualquer um chuta e abala as suas estruturas”, constata, numa referência às críticas da apresentadora Hebe Camargo. Essa vulnerabilidade que deve se arrastar até o fim da legislatura, causa apreensão. “Ou bem conseguimos mobilizar a turma séria, ou crescerá a perigosa visão da inutilidade do Legislativo”, avalia o petista Paulo Delgado (MG). A esperança fica para o próximo Congresso.

